

Museu do Amanhã

The background of the image is a photograph of the Museu do Amanhã building at night. The building has a distinctive, curved, and layered architectural design with a warm orange glow emanating from within. In the foreground, a large, illuminated, star-shaped sculpture stands on a platform. The scene is reflected in the water in the foreground, and city lights are visible in the distance.

10 anos
de amanhãs



Atualização da exposição principal

5 Dez anos construindo amanhã

**6 Museu do Amanhã:
dez anos em números**

**8 Renovação da exposição principal
do Museu do Amanhã**

**10 Apresentação:
Começo, meio e começo**

12 Diagnóstico

14 Objetivos

16 Projeto

19 Entre saberes e futuros

**20 Raciocínio expositivo
e museológico**

24 De onde viemos?

28 Quem somos?

32 Onde estamos?

36 Para onde vamos?

40 Como queremos ir?

44 Conclusão

46 Comitê curatorial e equipes

Dez anos construindo amanhã

Arte, ciência, sustentabilidade, ancestralidade, inovação e imaginação de futuros às margens da Baía de Guanabara

O Museu do Amanhã, equipamento cultural da Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, é gerido pelo Instituto de Desenvolvimento e Gestão (idg) desde sua inauguração, em dezembro de 2015. A atitude visionária da Prefeitura, com a criação do museu e toda a renovação da paisagem às margens da Baía de Guanabara, não só teve um impacto positivo local, como também transformou a região em mais um dos belos cartões-postais da cidade. No entanto, a influência do Museu do Amanhã não ficou restrita ao seu território. Introduzindo o conceito e a prática de museus orientados para o futuro, a instituição inspirou outros aparelhos culturais planeta afora, dando origem a uma iniciativa chamada FORMS (Futures-Oriented Museum Synergies), que hoje agrega mais de cinquenta instituições. Além disso, desde 2023, hospeda a primeira Cátedra Unesco no mundo sediada em um museu, voltada para o tema da Alfabetização em Futuros.

Descrito como “local de peregrinação”, o Museu do Amanhã se tornou rapidamente um dos mais visitados museus do continente, com média de um milhão de visitantes ao ano, desconsiderando os dois anos de pandemia. Museus são mais que suas exposições de longa duração, e esses números também se relacionam com a grande variedade de atividades e projetos desenvolvidos por este equipamento cultural: pesquisas científicas, atividades educativas, engajamento com vizinhos e com pessoas em situação de rua, exposições temporárias, residências artísticas, laboratório de inovação e, mais recentemente, uma Escola de Ciências do Amanhã.

Atento ao estado da arte das ciências da sustentabilidade, o museu mantém, simultaneamente, um olhar voltado para a decolonialidade, combinando campos do saber ligados à ciência, à tecnologia, à arte e à ancestralidade, de forma dialógica.

Essa atitude espelha o território no qual o museu está inserido. A Baía de Guanabara é uma paisagem central na história moderna e pré-colonial brasileiras, com uma presença milenar na mitologia ameríndia. Também é o lugar do mundo que mais recebeu pessoas escravizadas vindas do continente africano. Com base em uma ética do cuidado, os princípios fundadores do museu são a sustentabilidade (entendida como cuidado com a natureza, com o próximo e como autocuidado) e a convivialidade (incluindo aspectos relacionados à acessibilidade e à diversidade).

Finalmente, o Museu do Amanhã tem um grande impacto positivo sobre sua entidade gestora. O idg é hoje uma das maiores organizações sociais do Brasil voltadas para a cultura, a educação e o meio ambiente. Além do Museu do Amanhã, também faz a gestão do Museu do Jardim Botânico (Rio de Janeiro), do Museu das Favelas (São Paulo) e do Paço do Frevo (Recife), além de estar implementando o Museu das Amazôniaas (Belém) e o Museu da Educação para o Amanhã (Porto Alegre). Em todas essas instituições, o idg não trata os museus como lugares para “quem gosta do passado”, mas como instituições que inspiram futuros mais desejáveis.

**Museu do
Amanhã:
dez anos
em números**

22%

declaram que o Museu
do Amanhã foi o primeiro
museu que visitaram



40%

declaram não ser
frequentadores regulares
de museus

1.000.000

visitantes / ano

O museu mais visitado do Brasil!

17,4 MIL

visitas mediadas
que promovem
diferentes experiências
aos visitantes

+9 MIL

matérias e menções na
imprensa, com equivalência
de mais de 98 MM de reais
em mídia espontânea



Único museu do
mundo a hospedar
uma Cátedra Unesco
voltada para o tema
da Alfabetização
em Futuros

+650 MIL

seguidores nas
redes sociais



Renovação da exposição principal do Museu do Amanhã

Grupos

AMANHÃ É HOJE, E HOJE É

Apresentação



Começo, meio e começo

13

Amanhãs que habitam o tempo, os seres, os elementos e as coisas

“O mito é vivo e presente [...] verdadeiro e real”, nos informam Francy e Francisco Baniwa.¹ Os velhos e novos mestres e mestras sempre souberam o que estavam dizendo — e o faziam, e fazem, por meio de símbolos. Narrativas de origem, de caminho e de destino expressam, portanto, uma extensa variação simbólica; nada mais são que diferentes formas de interpretação da realidade. Como dizem os Vedas, “a verdade é uma, mas os sábios falam dela por vários nomes”. O mitólogo Joseph Campbell (1904-1987) afirmava que “o mito é a porta secreta através da qual as energias inexauríveis do cosmos se derramam sobre a manifestação cultural humana”. Assim, “religiões, filosofias, artes, as formas sociais do ser humano ancestral, as últimas descobertas da ciência e tecnologia, e os sonhos que atravessam nosso sono, brotam do básico e mágico círculo do mito”.² Ao entrelaçar saberes ancestrais e movimentos de transformação, essas narrativas revelam que passado, presente e porvir não se separam ao longo de uma linha reta, mas coexistem em estados de presença múltipla.

Apoiada nessas perspectivas, a renovação da exposição de longa duração do Museu do Amanhã — ainda a ser nomeada — aborda o amanhã não como futuro, mas como um estado que habita o tempo e as coisas, os seres e

os elementos. Se o universo e a vida são inacabados, como a Física contemporânea explica, o amanhã não é um ponto de chegada. Antonio Bispo dos Santos³ dizia que “somos começo, meio e começo”: os apocalipses cotidianos não são o fim, mas o meio do qual novos começos emergem. Assim, a mostra trata o tempo como duração, um infinito composto de finitudes. Nessa abordagem não histórica, os amanhãs são sementes em nós, que brotam a partir de encontros — com o outro, com o mundo e com nós mesmos — e que têm uma íntima relação com possibilidade, desejo e esperança ativa: aquela que conduz à ação transformadora.

Encantar o visitante é a maior aspiração. É esse estado de torpor que ativa a dimensão do possível, desperta desejos e inspira a transformação. Assim, a linguagem expositiva informa, mas, mais que “ensinar” de forma unidirecional, faz sentir esperança, agência e potência.

1. Baniwa, F., & Baniwa, F. (2023). *Umbigo do mundo*. Dantes Editora.
2. Campbell, J. (2008). *The hero with a thousand faces*. New World Library. (Trabalho original publicado em 1949).
3. Bispo dos Santos, A. (2023). *A terra dá, a terra quer*. Ubu Editora.

Diagnóstico

Entre a inauguração do Museu do Amanhã, em 2015, e o ano de 2024, o mundo mudou: pandemia, polarização política, descrédito do multilateralismo, retrocesso da globalização, evidências cotidianas de que as mudanças climáticas chegaram, novas e velhas guerras, além de impasses éticos — antigos e recentes — diante do galopante mundo digital e de sua inteligência artificial.

Nesse contexto de transformações profundas, tornou-se evidente a necessidade de repensar a exposição de longa duração. A escuta contínua da equipe que vive o museu diariamente foi fundamental nesse processo: suas percepções, acumuladas na convivência com o público e com os fluxos do espaço, revelaram questões e potenciais que orientaram a renovação.

A estratégia de renovação da exposição de longa duração do Museu do Amanhã, que completa dez anos em dezembro de 2025, começou a ser gestada ainda em 2023, com reuniões entre colaboradores do museu, especialistas convidados e atividades promovidas no âmbito do FORMS. Nesse ano, também foram realizadas escutas com diferentes públicos e equipes internas, quatro encontros temáticos, uma oficina internacional vinculada ao FORMS, além de consultorias especializadas, como o diagnóstico de acessibilidade conduzido pela Acessa Arte e Cultura e o estudo de *eye tracking* liderado por Ophelia Deroy (LMU).

Em 2024, foi formalizada a constituição de uma equipe curatorial dedicada ao projeto, que passou a organizar os insumos e dar forma às primeiras diretrizes conceituais. Esse momento foi essencial para inspirar ajustes e revisões no conceito inicial. O resultado foi um texto narrativo preliminar, acompanhado de um *masterplan* da nova exposição.

Já em 2025, a equipe curatorial, em diálogo com consultores externos, debruçou-se sobre todos os

subsídios acumulados nos anos anteriores para consolidar a proposta curatorial da nova exposição — aprofundando conteúdos, cruzando escutas e sistematizando os princípios que orientam o projeto expositivo.

Essa segunda etapa — de pesquisa, aprofundamento e realização — teve início no segundo semestre de 2024 e se estendeu até julho de 2025. Ao longo desse período, foram definidos o conteúdo e o roteiro da exposição, a produção do filme dirigido por Estevão Ciavatta e a expografia do espaço dedicado à pergunta “Onde Estamos?”. Entre março e maio de 2025, vivemos o período mais intenso do processo, marcado por duas frentes principais: (1) uma extensa pesquisa bibliográfica, que resultou na elaboração de um texto de base — a ser publicado em breve, na íntegra, como pré-catálogo — e (2) uma revisão detalhada de conteúdo e linguagem editorial pelos autores deste documento.

Na sequência, durante junho e a primeira quinzena de julho, foram definidas as diretrizes expográficas dos demais espaços da exposição (com exceção da área “Onde Estamos?”, já finalizada). Ao fim desse ciclo, em agosto de 2025, concluiu-se o presente documento, que sintetiza e ilustra os resultados do processo de pesquisa e consolidação da narrativa curatorial.

O texto a seguir está organizado da seguinte forma: (1) inicialmente, descrevemos os objetivos da renovação da exposição; (2) em seguida, apresentamos as premissas adotadas em relação à filosofia, expografia, design gráfico e acessibilidade; (3) por fim, sintetizamos o conteúdo teórico e filosófico de cada uma das cinco salas, que respondem às cinco perguntas cosmológicas.

Boa leitura!

Objetivos



Os grandes objetivos da renovação da exposição principal do Museu do Amanhã são:

17

CONTEÚDO

Achatar ontologias, ou seja, traçar paralelos entre narrativas científicas e cosmologias ancestrais, especialmente, mas não exclusivamente, brasileiras.

EXPERIÊNCIA

Oferecer acesso à informação, mas, sobretudo, encantar o visitante com as perspectivas e possibilidades que o amanhã traz.

SENSAÇÃO

Permitir que o visitante leve para casa um sentimento de esperança ativa, que inspire ação individual e social transformadora.

FORMA

Criar maior equilíbrio entre o tecnológico e o orgânico, reduzindo a quantidade de telas e ampliando a interatividade.

ORGULHO

Usando a Baía de Guanabara como fio condutor da narrativa, fomentar sentimento de orgulho tanto no visitante guanabarino quanto no brasileiro, e despertar sensações de descoberta e encanto no visitante estrangeiro.

Projeto



Entre saberes e futuros

Um novo percurso no Museu do Amanhã

Desde sua inauguração, em 2015, o Museu do Amanhã é orientado por cinco perguntas cosmológicas fundamentais: De onde viemos? Quem somos? Onde estamos? Para onde vamos? Como queremos ir? Essas perguntas, formuladas originalmente na curadoria de Luiz Alberto Oliveira, continuam a estruturar a exposição de longa duração, agora em processo de renovação. Mais do que questões fixas, elas são tratadas como dispositivos de pensamento — abertas, em movimento, sensíveis às transformações do mundo.

A nova exposição mantém essa estrutura, mas atualiza seus conteúdos e formas de apresentação. Combina avanços da ciência com narrativas ancestrais, articula arte e tecnologia e propõe um percurso que convida o público a se implicar nas grandes questões do presente. A Baía de Guanabara, com sua riqueza simbólica, histórica e ecológica, atua como fio condutor da narrativa, conectando as diferentes seções e ancorando as reflexões no território.

Cada área da exposição é atravessada por conceitos que não se apresentam como definições fechadas, mas como metáforas em trânsito, que se completam na experiência com o visitante. Termos como “agência”, “esperança ativa”, “regeneração”, “sustentabilidade”, “utopia” e “tempo” são tratados como estruturas abertas, capazes de acolher múltiplas leituras. A inspiração vem da Teoria da Não-Conceitualidade de Hans Blumenberg, que reconhece as metáforas como mediadoras fundamentais entre as pessoas e a realidade.

O Museu do Amanhã reafirma, assim, seu compromisso com a construção coletiva de futuros possíveis. Ao transformar o amanhã em estado de espírito e prática cotidiana, a nova exposição propõe um espaço de escuta, mobilização e cuidado — um lugar em que o conhecimento se dá no encontro entre diferentes formas de saber e de imaginar.

Raciocínio expositivo e museológico

A nova exposição de longa duração do Museu do Amanhã é também resultado de uma construção coletiva que articula curadoria, arte, tecnologia e design em diálogo com equipes especializadas em diversas frentes do projeto.

A expografia, a direção criativa e o projeto de tecnologia são assinados pela SuperUber, sob a liderança de Liana Brazil e Russ Rive. Com ampla experiência em exposições imersivas, a equipe desenvolveu soluções interativas que integram suportes digitais e analógicos, combinando painéis, interfaces sensoriais e obras de arte como elementos narrativos centrais da experiência.

O design gráfico da exposição é desenvolvido pelo estúdio CLDT, dos designers Celso Longo e Daniel Trench. A dupla é responsável pela criação da identidade visual da mostra. A proposta adota uma linguagem gráfica integrada aos espaços e acessível a diversos públicos, com atenção à legibilidade, sinalização e coesão visual com os demais elementos museográficos.

A iluminação cênica é assinada pelo LD Studio, da designer de iluminação Mônica Lobo. A luz é concebida como elemento dramático e sensorial, destacando obras, conduzindo fluxos e revelando atmosferas de

cada núcleo expositivo, em sinergia com a arquitetura e com os conteúdos.

O conteúdo audiovisual da área que trata da pergunta “Onde Estamos?”, dirigido por Estevão Ciavatta, da Pindorama, articula imagem, som e interação para criar ambientes de reflexão sobre os impasses contemporâneos.

A acessibilidade foi concebida como parte indissociável do projeto curatorial. Desde o início do planejamento, foram incorporadas soluções acessíveis sustentáveis e integradas: audiodescrição via webapp, maquetes táteis, vídeos com interpretação em Libras, livros cenográficos em linguagem simples e recursos interativos sensoriais. Essas soluções não apenas garantem o direito de acesso à informação, mas também promovem empatia ao convidar todos os públicos a vivenciarem, ainda que brevemente, percepções diversas do mundo.

Mais do que informar, todos os suportes — luz, som, imagem, texto, toque — operam como mediadores entre os conceitos curatoriais e a experiência sensível do público. A integração entre arte, tecnologia e acessibilidade torna a exposição não apenas mais eloquente, mas também mais permeável à diversidade de modos de ver, sentir e imaginar o amanhã.

Pavimento
da exposição
principal do
Museu
do Amanhã

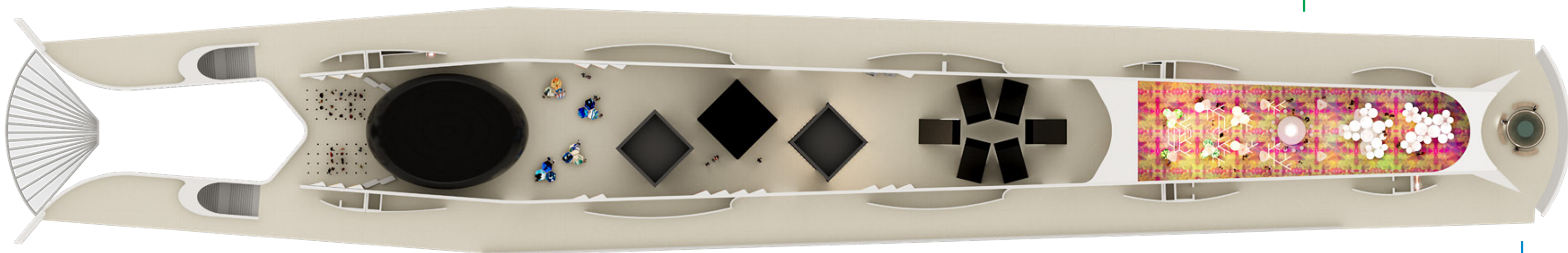
**DE ONDE
VIEMOS?**

**ONDE
ESTAMOS?**

**PARA ONDE
VAMOS?**

**QUEM
SOMOS?**

**COMO
QUEREMOS
IR?**



De onde viemos?

Narrativas de origem, cada qual a seu modo, tornam visível o invisível, dão luz ao mistério e tangibilizam o intangível. O filme a ser exibido nesse espaço fará analogias entre narrativas de origem científicas e de diferentes tradições ancestrais.

A ciência moderna estima que o universo surgiu há cerca de 14 bilhões de anos com o Big Bang. A partir dessa expansão primordial nasceram os elementos que, ao longo do tempo, se reuniram para formar a matéria dos astros; a energia que os move é força; e sua natureza profunda, essência. O universo, desde então, está em expansão e, portanto, é inacabado.

Na Terra, surge uma força geológica singular: a vida. Também composta por essência, força e matéria, ela se estrutura a partir dos quatro elementos — água, terra, fogo e ar — e é movida por afetos como amor, paixão, disputa e raiva. Sua essência reside no impulso vital que transcende a matéria: existir, crescer, buscar.

Narrativas de origem de diferentes culturas também articulam essência, força e matéria. A essência, que pode ser espírito ou palavra, cria e anima a vida. Do Popol Vuh ao Evangelho de João, a palavra é força criadora. As forças são deuses, deusas ou manifestações do sagrado. A matéria se transforma. Ordem e desordem, criação e destruição, palavra e imagem, todo e vazio compõem essas cosmologias.

A origem da vida permanece entre moléculas e mitos, ciência e imaginação. A ciência indica que a vida na Terra surgiu entre 3,5 e 4 bilhões de anos atrás, provavelmente no oceano. Em analogia, para povos amazônicos do alto Rio Negro, é na Baía de Guanabara que o mundo e a humanidade começam: pessoas vieram como “gente de peixe”, debaixo d’água, dentro da Canoa da Transformação, que era uma cobra-canoa.⁴ Com essa leitura do surgimento da humanidade, o filme se encerra.

A área de transição entre esse espaço e o seguinte representa o nascimento da humanidade e, com ele, os significados que nossa espécie atribui ao mundo. Segundo o calendário cósmico do astrônomo e divulgador científico Carl Sagan, se a história do universo a partir do Big Bang fosse condensada em um único ano, os primeiros hominídeos surgiriam às 22h30 do dia 31 de dezembro. Assim, é fascinante que, apesar da insignificância cronológica da nossa espécie, tenhamos construído narrativas de origem de beleza e verdade atemporais. Aqui, sementes conterão mais narrativas de origem, além das apresentadas no filme. Mais adiante, veremos também, com espanto, como, em tão pouco tempo, a imensa arrogância da espécie humana provoca um crescente impacto negativo sobre os seres e ritmos naturais do planeta.

4. Pārōkumu, U., & Kehiri, T. (2019). *Antes o mundo não existia*. Dantes Editora. (Trabalho original publicado em 1980).

BEM VINDOS

BIENVENIDOS
WELCOME

DE ONDE
VIEMOS?

¿DE DONDE
VENIMOS?

WHERE DO WE
COME FROM?

Este espaço do Museu da Genética
está organizado de forma a
apresentar a história e a importância
da genética na sociedade atual, desde
a descoberta da estrutura da molécula
de DNA até as aplicações práticas
na medicina e na agricultura.

Este espaço do Museu da Genética
está organizado de forma a
apresentar a história e a importância
da genética na sociedade atual, desde
a descoberta da estrutura da molécula
de DNA até as aplicações práticas
na medicina e na agricultura.



¿DE DONDE
VENIMOS?

WHERE DO WE
COME FROM?

DE ONDE
VIEMOS?

BEM VINDOS

BIENVENIDOS
WELCOME

Este espaço do Museu da Genética
está organizado de forma a
apresentar a história e a importância
da genética na sociedade atual, desde
a descoberta da estrutura da molécula
de DNA até as aplicações práticas
na medicina e na agricultura.



Quem somos?

Os três cubos negros que hoje dividem esse espaço em diversidade geológica (matéria), biológica (vida) e cultural (pensamento) agora se fundem tematicamente.

A resposta à pergunta “quem somos?” é que — todos — somos corpo, casa e cosmos. O Universo, a Terra, a Baía de Guanabara, os seres humanos. O Universo é um corpo em expansão, é casa para o vivo e o não vivo, e é o próprio cosmos: o infinito composto por finitudes. A Terra é um corpo, com capacidade de autorregulação, mas também é casa para milhões de espécies e interage com o cosmos que a cerca. A Baía de Guanabara é um corpo hídrico cujo abraço geográfico é casa para uma infinidade de seres vivos e para a água doce que a irriga. Ela também se lança ao cosmos ao se misturar pelo vaivém do oceano e com o céu, para onde suas águas evaporam.

Nós, seres humanos, somos corpo: uma auto-organização improvável de moléculas e células, que mantém tal integridade a ponto de nos permitir ser um mesmo “eu” durante toda uma existência. Somos também casa. Nossos corpos

abrigam outros corpos (vírus, fungos, bactérias) e temos o potencial de ser casa para e com outras pessoas. Somos uma espécie social, que vive em comunidade. A casa é nosso corpo social. Nossa espécie também é cosmos. Transcendemos nosso corpo/casa ao experimentarmos beleza, paixão, amor, medo, curiosidade, paz. É quando percebemos que a eternidade habita um instante; quando vivemos em tempo real, não cronológico; quando nosso ego se dissolve e nos “cosmizamos”.

O espaço hoje dedicado ao primeiro cubo terá a Terra como corpo, casa e cosmos. A área destinada ao segundo cubo mostrará arranjos que se repetem em diferentes escalas, como as redes subterrâneas de fungos, cuja organização se assemelha à dos nossos neurônios, que, por sua vez, se assemelham às luzes das cidades e às constelações estelares. O terceiro cubo é dedicado à espécie humana: seu corpo que sente e pensa, seu espírito que transcende e navega no passado por meio da memória e para o futuro, através do desejo e da antecipação, enquanto finca o pé no presente pela atenção, pela percepção e pela sensação.

ORIGENS

Onde estamos?

Em março de 2024, a proposta de reconhecer o Antropoceno como nova época geológica foi recusada pela comunidade científica. A negativa, no entanto, não dissolve a pergunta: onde estamos? O filme apresentado parte desse estado presente de suspensão — para o qual falta nome — e apresenta três marcas: complexidade, contradição e caos.⁵

A complexidade se revela quando uma ação localizada produz efeitos, nem sempre previsíveis, que atravessam tempos e territórios. A busca por conforto material, por exemplo, pode desencadear desequilíbrios ecológicos e sociais em lugares e tempos distantes.⁶ Essa interdependência acentua a contradição: apesar do acúmulo de conhecimento — sobre colapsos climáticos, pandemias, desastres —, pouco se faz para preveni-los.⁷ Nesse intervalo entre saber e agir, instala-se o caos. A promessa de alívio trazida pelas tecnologias de alta velocidade deu lugar a uma sobrecarga contínua. Em vez de mais tempo livre, mais produtividade; em vez de bem-estar, exaustão. O cansaço, hoje, é compartilhado — entre corpos e paisagens.⁸

A expansão tecnológica é a síntese desse cenário. A massa construída hoje excede a massa de toda a biomassa viva sobre a Terra.⁹ Esse aparato tecnológico, tão essencial à vida contemporânea, já se mistura aos nossos corpos. Hoje, compomos uma biotecnosfera, interligada e altamente complexa. A contradição é que tal engenhosidade é causa direta de adversidades, como as mudanças climáticas. A narrativa científica de que nossa produção e consumo de energia gera tais mudanças — especialmente a partir de combustíveis fósseis — evoca a mitologia grega, nas referências a Gaia e Ctônia (a vida e o “bem” acima da terra e a morte e o “mal” abaixo), e também à narrativa Yanomami da queda do céu (retirada de árvores e remexer o subterrâneo provocam tal colapso). O mau uso humano da tecnologia também cria o caos

da velocidade, do deslocamento, do excesso de trabalho, do desentendimento e do cansaço. Nossa sociedade do esquecimento¹⁰ falhou em lembrar que a essência da tecnologia é melhorar a vida, não piorá-la.

O espaço conhecido como “cavernas” trata da complexidade que deriva da interdependência humana com os elementos. A água mata a sede, mas também afoga. O fogo tanto conforta quanto queima. A terra dá alimento e também soterra. O ar faz respirar e voar, mas também asfixia. O equilíbrio das nossas relações com os elementos fica em xeque quando abusamos deles. Em desequilíbrio, afetam-se mutuamente e nos afetam, gerando o caos.

Parece um apocalipse? Sim, o fim de um mundo. Mundos nascem e morrem todos os dias. Para que um mundo novo surja, o velho precisa morrer. Essa morte não é o fim, mas o meio para um novo começo. É a revelação que leva ao renascimento.

5. Sardar, Z. (2010). *Welcome to postnormal times*. *Futures*, 42, 435–444.
6. Funtowicz, S. O., & Ravetz, J. R. (1994). *Emergent complex systems*. *Futures*, 26, 568–582.
7. Scarano, F. R. (2024). *Regenerative dialogues for sustainable futures*. Springer. Este livro aponta essa e várias outras contradições, assim como outros sintomas dos tempos atuais, em diálogo com passados e com futuros prováveis, possíveis e desejáveis.
8. Han, B.-C. (2015). *Sociedade do cansaço*. Vozes.
9. Elhacham, E., Ben-Uri, L., Grozovski, J., Bar-On, Y. M., & Milo, R. (2020). *Global human-made mass exceeds all living biomass*. *Nature*, 588, 442–444. <https://doi.org/10.1038/s41586-020-3010-5>.
10. Heidegger, M. (2012). *Ser e tempo*. Editora Vozes e Editora Unicamp. (Trabalho original publicado em 1927).



TAKE IT

WIN

USE IT

MUDE

SEJA

FAÇA

PEGUE

VENÇA

USE

SEJA

Para onde vamos?

Tal qual no Big Bang, o apocalipse espalha as coisas. No pós-apocalipse, o vivo e o não vivo, o ativo e o inerte se misturam novamente. É a origem do novo por meio de uma compostagem que revela a essência: a regeneração. Como o menino que brincava disse a Gonzaguinha, “o hoje é a semente do amanhã”. O ontem também o é.

A resposta à pergunta “para onde vamos?” envolve três atos que nos cabem como humanidade: escolher, combinar e agir. Este espaço será dividido nestes três momentos: escolheremos ferramentas, combinaremos como usá-las e imaginaremos os amanhãs que iremos construir.

As ferramentas a serem escolhidas são, precisamente, a colheita das sementes: experiências e técnicas existentes, do passado e do presente, que historicamente surgiram e se desenvolveram a partir de uma diversidade de práticas, cosmovisões, valores, lugares e pessoas. Tais sementes¹¹ podem inspirar adoção, reprodução e ganho de escala, promovendo mudanças de fato rupturais — o *novum*, que vai além do meramente incremental. Boas sementes do amanhã podem ser baseadas na natureza ou na tecnologia. Se lembrarmos que somos biotecnosfera, é mais provável que soluções emergjam da interação entre essas diferentes sementes e da forma como são usadas.

Em 2004, por exemplo, os pesquisadores Stephen Pacala e Robert Socolow identificaram 15 cunhas de estabilização do clima.¹² Demonstraram que, à época, já se dispunha de conhecimento científico, técnico e industrial suficiente para resolver o problema climático pelos próximos cinquenta anos, ao mesmo tempo que toda a demanda de energia do planeta seria suprida. Bem antes disso, em 1935, Bertrand Russell apontava que a tecnologia disponível à época poderia reduzir a jornada de trabalho semanal para 30 horas. Em paralelo, povos originários ameríndios literalmente cultivaram a Amazônia como quem cultiva um jardim, encontrando ali o que necessitavam para o seu bem viver. Qual seria a

potência do encontro criativo e construtivo dessas e de outras distintas sabedorias?

Se o caminho do problema para a solução é o diálogo, nós também somos sementes do amanhã, a partir da forma como agimos, sentimos e interagimos. O amanhã, portanto, está dentro de nós, e brota de encontros, desejos, esperança e, principalmente, da ação transformadora. A essência da vida nova não está nas coisas, mas no nó invisível que as ata, como propunha Saint-Exupéry. É o amor — baseado em diálogos com ou sem palavras — que permitirá que as sementes cresçam. Diálogos, por sua vez, são terapia para a alma e eliminam a ignorância patológica, como explicava Platão. Compartilhando sonhos, novas utopias podem surgir, frutos de fusões, hibridizações ou da simples coexistência pacífica de desejos.

O desenvolvimento sustentável é a utopia oficial da vez, propagada pela Organização das Nações Unidas. Utopias como esta, de tão programáticas, se confundem com ideologias. Utopias são abertas, não mais que uma bússola, e germinam a partir da educação do desejo. Visões como “descubra o bem viver, ele está dentro de você” ou “eu sou porque nós somos” — oriundas de visões ancestrais do Sul Global — reforçam os valores da autossustentabilidade e da força da comunidade. No Norte Global, e já se espalhando pelo mundo, o ecofeminismo, o decrescimento e tantas outras correntes também oferecem alternativas às da modernidade capitalista.¹³

11. Bennett, E. M. et al. (2016). *Bright spots: Seeds of a good Anthropocene*. *Frontiers in Ecology and the Environment*, 14(8), 441–448. <https://doi.org/10.1002/fee.1309>

12. Pacala, S., & Socolow, R. (2004). *Stabilization wedges: Solving the climate problem for the next 50 years with current technologies*. *Science*, 305, 968. <https://doi.org/10.1126/science.1100103>

13. Scarano, F. R. (2024). *Regenerative dialogues for sustainable futures*. Springer.



5.

Como queremos ir?

Se o destino é um mundo melhor, fruto de diálogos entre desejos democráticos e amorosos, a resposta à pergunta “como queremos ir?” só pode ser uma: juntos. A visão de amor ao próximo, à natureza e a si mesmo foi expressa na carta *Mundus Novus*, que Américo Vespúcio escreveu para o imperador português em 1503, talvez diante da Baía de Guanabara. Neste último momento da exposição, mirando a Baía, o público terá uma experiência relacional que demonstra a força da confiança e da colaboração.

A Baía de Guanabara — onde, segundo mitologias amazônicas, a vida se inicia — é também o meio e a utopia que revelam a possibilidade de um novo começo.



Conclusão



Em um tempo marcado pelos acelerados fluxos de informação e pela constante obsolescência dos conteúdos, a nova exposição de longa duração do Museu do Amanhã busca cultivar outra perspectiva de tempo e de amanhã: um tempo entendido como um infinito, tecido por múltiplas finitudes, e um amanhã não como um ponto distante a ser alcançado, mas como um estado que habita o presente, os encontros, os seres e as coisas. A experiência convida o visitante a um mergulho sensorial e imaginativo em uma exposição que, ao reconhecer a diversidade de seu público, abraça também uma diversidade de narrativas e formas de ver o mundo. Assim, a abordagem não se limita ao olhar científico, ela reconhece e valoriza outros modos de conhecer, sentir e interpretar a realidade.

O processo de escuta de opiniões e impressões acerca da exposição foi essencial para essa construção. Realizado ao longo de dois anos, de forma altamente colaborativa, envolveu atores diversos. Foram ouvidos colaboradores de diferentes equipes do museu, público externo, especialistas e representantes de instituições museais de várias partes do mundo, no âmbito da rede FORMS. Consultorias especializadas em acessibilidade e experiência do visitante

também integraram o projeto. Dessa forma, foram capturadas e mapeadas diversas percepções e expectativas, que permitiram construir uma visão abrangente e plural sobre os caminhos possíveis para a renovação da exposição.

Esse processo não apenas aprofundou o entendimento sobre os sentidos atribuídos aos conteúdos, como também revelou oportunidades de aprimoramento na mediação e na acessibilidade. Sobretudo, fortaleceu o compromisso do Museu do Amanhã com a diversidade e com a construção coletiva. Assim, a proposta dessa renovação se consolida como um projeto que reconhece a pluralidade e a rede que interliga pessoas, territórios, tempos e saberes. Inspirada na perspectiva de Bruno Latour, objetiva promover um aterramento, conectando realidades às responsabilidades compartilhadas do presente. Mais do que imaginar o amanhã, o público é convidado a habitá-lo com presença, consciência, cuidado e compromisso.

Diante de um tempo em que o presente parece se dissolver na velocidade dos dados e das distrações, torna-se indispensável transformar e fortalecer os vínculos entre nós, com o planeta e com as múltiplas formas de vida que o habitam.

Comitê curatorial e equipes



Fabio Rubio Scarano

Curador e Titular da Cátedra Unesco em Bem-Estar Planetário e Antecipação Regenerativa do Museu do Amanhã. Professor Titular de Ecologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro.



Liana Brazil

Diretora criativa, curadora e cofundadora da SuperUber. Cria exposições imersivas e interativas que unem arte, design e tecnologia, no Brasil e no exterior, em instituições como a ONU, o London Design Museum e o Museu do Amanhã.



Luiz Alberto Oliveira

Físico, doutor em Cosmologia, foi pesquisador do Centro Brasileiro de Pesquisas Físicas, onde também atuou como professor de História e Filosofia da Ciência. Curador-geral do Museu do Amanhã de 2010 a 2020, atualmente é palestrante, curador e consultor de diversas instituições nacionais e internacionais.

Diretor Geral idg
Ricardo Piquet

Museu do Amanhã

Diretor executivo
Cristiano Vasconcelos

Curador
Fabio Rubio Scarano

Gerência geral de conteúdo
Camila Oliveira

Gerência geral de desenvolvimento de públicos
Eduarda Mafra

Gerência de exposições
Caetana Lara Resende (MDA) e Marina Piquet (idg)

Coordenadora de Design Gráfico
Mariana Boghossian

Renovação da Exposição Principal (Book)

Curadoria
Fabio Rubio Scarano
Liana Brazil
Luiz Alberto Oliveira

Assistentes de curadoria
Anna Carolina Fornero Aguiar
Laura Rago

Redação
Fabio Rubio Scarano
Anna Carolina Fornero Aguiar
Laura Rago
Liana Brazil

Preparação e revisão de texto
Hugo Maciel de Carvalho

Projeto de design
Celso Longo + Daniel Trench

Assistentes de design
Bárbara Catta
Daniel Banin

Coordenação geral
Laura Rago

Produção executiva
Ricardo de Aquino

Produção
Joyce Fernandes

Comunicação
Juliana Silleman



GESTÃO

idg INSTITUTO DE
DESENVOLVIMENTO
E GESTÃO



museu do **amanhã**

PREFEITURA
 **RIO**

Cultura